



VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM DEBATE NECESSÁRIO COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Sanclér Eduardo Zanotelli*¹

Andréia Carla Momoli*²

Caroline de Oliveira Godoy*³

Gabriela Almeida*⁴

Natiele Patrícia Schmidel*⁵

Vital Arpini*⁶

Paula Vanessa de Faria Lindo*⁷

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim, acadêmico do curso de Geografia-Licenciatura, Programa Institucional de Iniciação a Docência. E-mail: sancedro@yahoo.com.br

² Universidade Federal da Fronteira Sul, acadêmica do curso de Geografia - Licenciatura, Programa Institucional de Iniciação a Docência. E-mail: andreiacarla.momoli@gmail.com

³ Universidade Federal da Fronteira Sul, acadêmica do curso de Geografia, Programa Institucional de Iniciação a Docência. E-mail: carolgodoy1914@gmail.com

⁴ Universidade Federal da Fronteira Sul, acadêmica do curso de Geografia, Programa Institucional de Iniciação a Docência. E-mail: gabrielalmeida5203@gmail.com

⁵ Licenciada em Geografia, Natiele Patrícia Schmidel. E-mail: natieleschmidel@gmail.com

⁶ Licenciado em Geografia, Professor da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, da Escola Érico Veríssimo, Supervisor do PIBID – subprojeto Geografia da UFFS, *campus* Erechim E-mail: Vital.arpini@gmail.com

⁷ Doutora em Geografia. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim. Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID/CAPES) do Subprojeto Geografia. E-mail: paula.lindo@uffs.edu.br



4. Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

Resumo expandido:

Palavras-Chave: Violência, Mulher, conscientização, educação, escola.

No primeiro semestre de dois mil e dezessete desenvolveu-se um projeto com a temática “Violência Contra Mulher”, para ser desenvolvido com o terceiro ano do Ensino Médio EEEM Erico Veríssimo do município de Erechim, situada no estado do Rio grande do Sul. Com o objetivo de levar os estudantes á realizar uma reflexão crítica a cerca do referido tema. Para isso foi necessário levá-los a compreender como a questão violência contra a mulher está presente no cotidiano; identificar como a mulher construiu seu lugar no espaço ao longo do tempo; analisar os diferentes tipos de violência contra a mulher; e debater como a temática faz parte de uma realidade social próxima a eles.

A escolha da presente temática se justifica pelo fato de ser um assunto ser presente nos debates da mídia e sociedade. Postagens em redes sociais, programas de televisão e conversas cotidianas trazem frequentemente elementos que revelam tipos de violências contra a mulher, bem como a misoginia agravando a violência. A temática também se justifica pelo fato do relacionamento entre gêneros em nossa sociedade ainda seguir a uma lógica histórica, perversa herdada do Brasil-colônia na qual “a lei portuguesa admitia que um homem matasse a mulher e seu amante se surpreendidos em adultério” (ELUF, 2007, p. 164) e muitos homens, ainda nos dias de hoje, “naturalizam” e justificam a violência cometida como se fosse um direito herdado. A violência contra mulher é algo pouco debatido dentro do ambiente escolar, sendo assim, ressaltamos a importância de



trabalhar para que os estudantes compreendam como a mulher lutou e ainda vem lutando para construir e conquistar Direitos na sociedade.

A principal Autora utilizada no embasamento teórico do projeto foi: Letícia Caisque (2006). O entendimento de violência contra mulher perpassa por conceitos e teorias geográficas, no sentido em que são analisadas as distintas relações estabelecidas em sociedade, que estão inseridas num contexto socioeconômico diverso, e com noções de territorialidade como agente que corrobora para a análise dos tipos de violência.

O projeto de prática educativa atentou para as formas de ocorrência e identificação de violência contra a mulher, baseado em dados de instituições oficiais como a ONU (Organização das Nações Unidas), à qual discorre sobre o entendimento das formas de violência como sendo: violência de gênero que produza danos físicos, psicológicos, sexuais e até mesmo ato que prive a liberdade. Ainda foram coletados dados da Delegacia Regional da Mulher de Erechim. Segundo dados obtidos junto à Delegacia, no ano de 2012 foram 2.795 Boletins de Ocorrências (B.Os), que originaram 841 Inquéritos Policiais, vale ressaltar que esse número não qualifica a região de Erechim como uma região violenta, pois isso, conforme a delegada, é resultado de um intenso trabalho de conscientização nas escolas, empresas e universidades, acerca das formas de violência e de um entendimento básico da lei Maria da Penha, no qual corrobora para que as mulheres denunciem seus agressores, aumentando assim os dados estatísticos.

Durante o desenvolvimento do projeto, buscou-se definir os tipos de violência contra a mulher: física e psicológica. A violência física é compreendida como toda a ação que consiste no uso da força contra a mulher, seja ela em qualquer circunstância. Nesse sentido ela pode se manifestar através de pancadas, chutes, beliscões, mordidas, lançamento de objetos, empurrões, bofetadas, socos, suras, feridas, queimaduras, fraturas, lesões e qualquer outro ato que se refira contra a integridade física da mulher, podendo produzir marcas ou não, no seu corpo.

Os dados que expressam esse tipo de violência são os mais elevados, por ser um tipo de violência de maior facilidade de identificação tanto para o agressor quanto para a



vítima. Com tudo é importante destacar que a violência física é a que se tem mais dados ao motivo supracitado, porém a que tem maior ocorrência é a violência psicológica, mas os dados não apresentam isso por causa que os agressores e as vítimas têm dificuldades de reconhecer o abuso verbal e psicológico que ocorreu.

A violência psicológica que também é chamada de agressão emocional pode ser também tão prejudicial a mulheres quanto a agressão física. Essa se manifesta através do abuso verbal, intimidação, ameaças, isolamento, desprezo e abuso econômico. Algumas dessas práticas são: insultar, humilhar, rebaixar, gestos ou gritos, assustar com olhares, ameaças de ferir e matar, tratar o outro com inferioridade controle abusivo da vida do outro por meio de vigilância dos seus atos e movimentos, controle abusivo das finanças. O objetivo desse tipo de violência é mobilizar emocionalmente para satisfazer a necessidade do agressor de atenção e importância.

Depois de construir com os estudantes um debate a partir de estudos teórico e histórico, pautado em artigos, dissertações e livros que abordassem a temática violência contra mulher, de dialogar e contar com a colaboração da Delegada Raquel Kolberg Delegacia Regional da Mulher, como fonte de dados estatísticos e conceituais legais dos tipos de violência contra mulher, de esclarecer os tipos de violências e inclusive identificá-las no dia a dia vivenciado pelos estudantes, optou-se por trabalhar com análise de músicas que tratam de expressões referentes a mulher de forma pejorativa.

A partir das intervenções por meio de aulas expositivas, com o auxílio de *Datashow*, vídeos e músicas (como por exemplo, Vidinha de Balada de Henrique e Juliano), foi sugerido que os estudantes produzissem como maneira de contrapor a letra original e refletir sobre as músicas que fazem parte do cotidiano deles. Na sequência o resultado do trabalho com socializado com a turma.

Com as exposições das formas e ocorrências de violência contra mulher, os alunos participaram das aulas, por meio de relatos de experiências de sua realidade cotidiana, na família e seu círculo social, também, relataram ocorrência de que presenciaram ou sofreram violência psicológica, física ou verbal em ambiente escolar.



A partir das aulas foi diagnosticado que havia uma falta de conhecimento das formas de violência exercidas contra a mulher, haja vista é um tema que faz parte dia a dia dos alunos, os alunos contribuíram de forma significativa, relatando fatos do cotidiano e percebendo a violência aparentemente oculta em músicas e expressões. Sendo assim, foi possível perceber de que os estudantes refletiram sobre a temática proposta na intervenção, atingindo assim, o objetivo proposto pelo grupo, despertar o senso crítico acerca da temática debatida.

Nesse sentido percebe-se a importância do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), para que se possa promover um ambiente de debates e aprendizado, valorizando as vivências de cada estudante e bolsista. Dessa forma, o PIBID, possibilita o desenvolvimento da autonomia em sala de aula, com o acompanhamento do professor/supervisor dos pibianos, sempre auxiliando de forma didática para melhor aproveitamento tanto dos alunos, quanto dos bolsistas.

Referências

- CAISQUE, Letícia; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira; Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Revista Latino americana de enfermagem**. São Paulo, n° 14, 2006.
- FRANCHESCHIN, M. . **Brasil é o quinto país do mundo em ranking de violência contra a mulher**. Brasília 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/11/brasil-e-o-quinto-pais-do-mundo-em-ranking-de-violencia-contramulher.html> > acesso: 08 mai.2017
- LOPES, Marília Cardoso; SILVA da; Susana Maria Veleda; Da paixão ao crime: uma espacialização da violência contra as mulheres em Rio Grande – RS. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 58-74, jan. / jul. 2013.
- RIBEIRO, Maria Ivalnise Calderon; **Geotecnologias, Geografia e crime: espacialização da violência doméstica contra a mulher na área urbana de Porto Velho –Rondônia**. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pos-Graduação em Geografia, Núcleo de Ciências Exatas e da Terra. Departamento de Geografia da Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.
- SANTOS, dos: Ana Cláudia Wendt; MORÉ, Leotina Ojeda Ocampo; Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento. **Revista Paidéia**, Florianópolis-SC, v.21, n . 49, p. 227-235, maio/ago. 2011.
- SCHARAIBERL, L. B; OLIVEIRA, A. D; JUNIOR, I. F; PORTELLA, A, P; LUDEMIR, A. B; VALENÇA, O; COUTO, M. T. Prevalência da violência contra a mulher por



parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Revista Saúde Pública:** São Paulo p.797-807. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n5/5854>> acesso: 08 mai.2017.